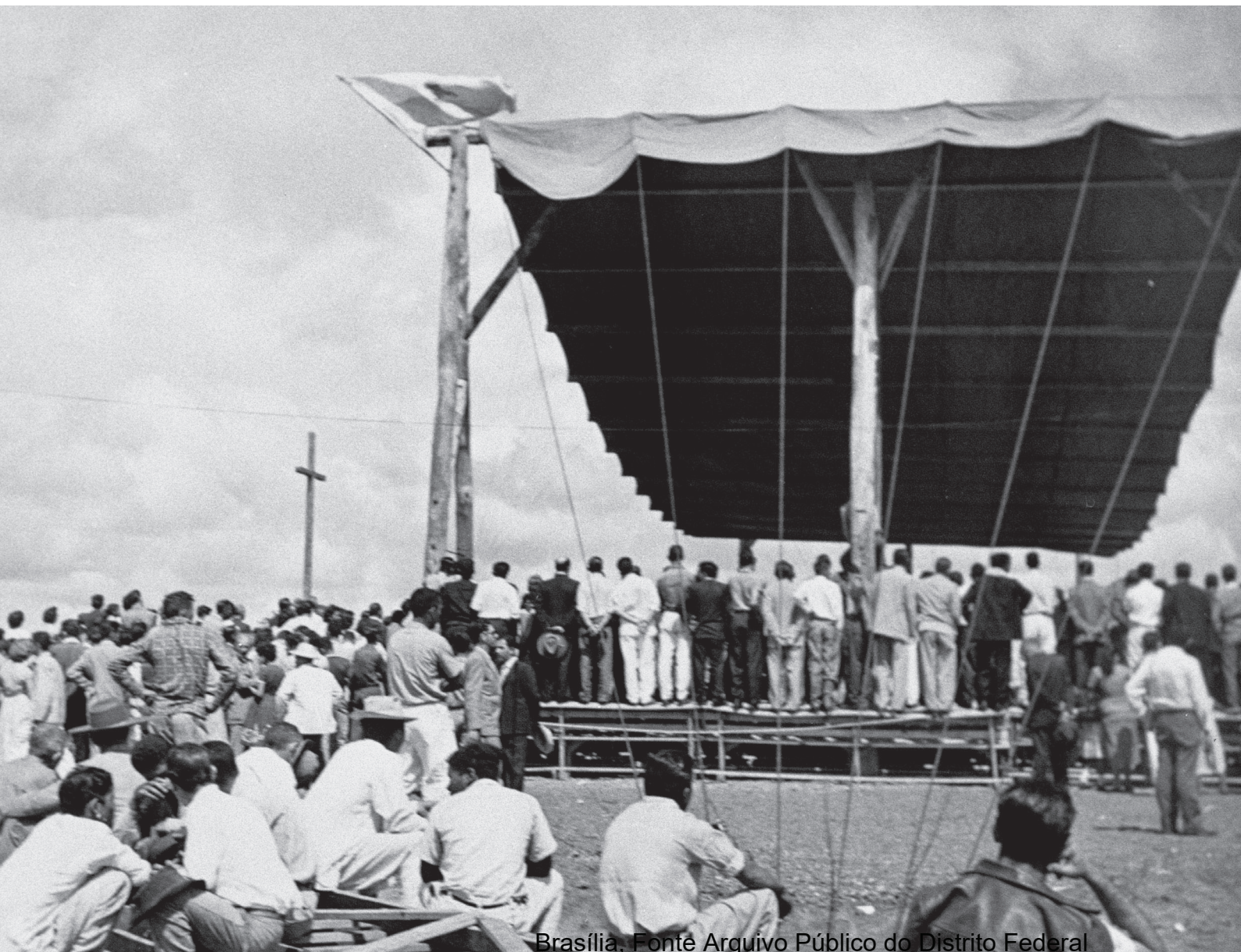




Brasília, Fonte Arquivo Público do Distrito Federal

Padre Aleixo Susin, das obras a obra. Um padre pioneiro na construção do (Mutirão) Guará.

Professor Msc Luís Gustavo Ferrarini Venturelli
e
Professor Arnaldo Damásio



Revista
Instituto Histórico Geográfico
do Distrito Federal

Padre Aleixo Susin, das obras a obra. Um padre pioneiro na construção do (Mutirão) Guará.

Luís Gustavo Ferrarini Venturelli¹
Arnaldo Damásio

Recebido/Recibido/Received: 15/02/2025

Aceito/Aceptado/Accepted: 20/02/2025

Publicado/Publicado/Published: 05/05/2026

Resumo: O objetivo do presente artigo é discutir a história da cidade do Guará pela interseção da vida de um padre e a experiência da fundação de uma cidade de trabalhadores. A referida cidade nem constava no plano original de Brasília. O Mutirão foi uma curiosa experiência de assentamento para trabalhadores de baixa renda da Companhia Urbanizadora da Nova Capital (NOVACAP) que teve sua finalidade social transformada conforme ganhou importância. Seu nome então seria modificado para Guará. Todas essas reviravoltas podem ser percebidas no documento do Padre Aleixo, que dá base a esse texto. Esse ego documento é antes de tudo um arquivo histórico de um momento pouco explorado. Assim, o documento do pároco foi utilizado em conjunto de outras fontes como matérias de jornal, para contar a história dele como protagonista, mas também, de História de uma cultura que o leva a realizar as fundações da cidade com outros trabalhadores. Seu texto é portanto memória própria e da cidade ao mesmo tempo prontas para serem exploradas pela prática historiográfica. Pode-se perceber ainda que a cidade que estamos falando surgiu dentro das peculiaridades das chamadas cidades dos trabalhadores na fundação da moderna nova capital. Por fim, entender as pressões da sociedade daquele momento que resultaram em um padre construtor e morador da própria cidade. A vida do padre acaba por revelar as dificuldades e os valores daqueles que ali estavam junto a ele.

Palavras-Chave: Guará; Padre Aleixo; História da cidade; Cultura; Sociedade; Nova capital.

Abstract: The aim of this article is to discuss the history of the city of Guará through the intersection of a priest's life and the experience of founding a workers' city. The city was not even part of the original plan for Brasília. The was an interesting settlement experience for low-income workers of the Urbanization Company of the New Capital (NOVACAP), whose social purpose transformed as it gained importance. Its name would then be changed to Guará. All these twists and turns can be perceived in the document of Father Aleixo, which underpins this text. This ego document is, above all, a historical archive of a little-explored moment. Thus, the priest's document was used alongside other sources such as newspaper articles, to tell the story of him as a protagonist, but also, of the history of a culture that leads him to establish the foundations of the city with other workers. His text is therefore both personal

¹ Professor Msc Luís Gustavo Ferrarini Venturelli é professor de História no Centro de Ensino Fundamental 04 do Guará.

Professor Arnaldo Damásio é professor de Língua portuguesa no Centro de Ensino Fundamental 04 do Guará.

memory and memory of the city at the same time ready to be explored through historiographical practice. It can also be perceived that the city we are talking about emerged within the peculiarities of the so-called workers' cities at the foundation of the modern new capital. Lastly, understanding the pressures of the society at that moment that resulted in a builder priest and resident of the city itself. The life of the priest ends up revealing the difficulties and values of those who were there alongside him.

Keywords: Guará; Father Aleixo; History of the city; Culture; Society; New capital.

Em 2024, a região administrativa do Guará comemorou seu 55º aniversário entretanto, um importante aspecto da fundação do Guará não foi muito discutido ou lembrado durante essas comemorações. Foi a participação da Igreja Católica, em específico de um padre chamado Aleixo Surin, na criação da cidade do Guará. A Igreja Católica está ligada ao surgimento da cidade do Guará de forma muito profunda. Em 1966, a paróquia de Taguatinga apoiou uma iniciativa de construção por meio de mutirão trazendo uma tecnologia de construção barata e que vai viabilizar o surgimento do bairro. A própria igreja São Paulo Apóstolo será fruto dessa iniciativa,

A Igreja São Paulo Apóstolo está sediada na região do Guará I. Foi fundada em 1970, inicialmente como uma pequena capela para atender aos fiéis da região. No início, as atividades religiosas eram realizadas em espaços improvisados até que a capela fosse construída. Com o crescimento da comunidade e o aumento do número de fiéis, tornou-se necessário estabelecer a capela como uma paróquia independente. Assim, em 1983, a capela foi elevada à categoria de paróquia, passando a atender às necessidades espirituais e pastorais da comunidade local de forma mais ampla. Desde então, a Igreja São Paulo Apóstolo tem desempenhado um papel importante na vida religiosa e comunitária do Guará I, oferecendo serviços religiosos, atividades pastorais e programas sociais para os moradores da região. Contudo, o surgimento da paróquia e a organização dos trabalhadores que vinham para cá pode acontecer devido à participação proeminente do Padre Aleixo. É a relação dele e a sua história que buscaremos trabalhar nesse texto. Conhecido pela realização da Via Sacra de Planaltina, também foi importante como fundador da Paróquia São Paulo Apóstolo, no Guará I D.F. Ele desempenhou um papel fundamental no estabelecimento e no desenvolvimento da paróquia e de uma comunidade vibrante na região. Infelizmente, informações adicionais sobre sua vida e histórico do padre até a concretização daquilo que seria a região administrativa do Guará não estão prontamente disponíveis. Foi preciso buscar trabalhar com biografias e autobiografias para a construção desse texto, buscar fontes com personagens ligados à paróquia, mas fundamentalmente no Arquivo Público do Distrito Federal. Para além do Arquivo público onde buscamos matérias de jornal, obras como o ego-documento do próprio padre, e bibliografia relacionada a sua formação.

Neste texto falaremos da sua importância da pesquisa autobiográfica na construção da história local. Christine Delory-Momberg (2016), defende duas premissas básicas: 'Qual o saber que a pesquisa biográfica busca? Como a pesquisa biográfica constrói este saber?'. Nosso interesse aqui é falar sobre o surgimento dessa comunidade durante o período do mutirão e a origem da cidade do Guará. Assim, o objetivo geral desta pesquisa é investigar que memórias de vida do padre e os seus múltiplos significados, que acabaram se materializando na construção da cidade do Guará e brotam da obra autobiografia do próprio padre. Já os objetivos específicos são três: Reconhecer a importância que a formação do Padre, perceber seu protagonismo na história do surgimento do Guará no contexto da inauguração de Brasília e finalmente perceber o resultado desse processo para o surgimento desta comunidade às margens da nova capital. Portanto, a pesquisa busca compreender a formação da vida da cidade por meio do protagonismo do religioso naquela comunidade no Guará e de Brasília sua morte foi noticiada amplamente o que demonstra o reconhecimento pela sua história e por suas ações.

A escrita da História e a vida das pessoas comuns.

É interessante ver como os círculos escolares e o trabalho em sala de aula têm buscado acompanhar o desenvolvimento dos estudos históricos nas universidades. Nos últimos anos, o trabalho de pesquisa histórica, mostra principalmente que professores do ensino fundamental tem tentado se aproximar de melhores práticas de ensino por meio de pesquisas. Abordagens acadêmicas recentes na área da História concentram esforços na revelação de aspectos da vida de pessoas comuns ou na história do tempo presente. Buscaremos interrogar por meio da autobiografia, os personagens locais valorizando suas contribuições como fontes relevantes para entender a vida comum de locais ignorados muitas vezes. Ou trilhando um caminho que segundo Delory-Momberg (2016) passa pela intencionalidade dos escritos.

O ser humano faz a experiência de si mesmo e do mundo em um tempo que ele relaciona com sua própria existência. A temporalidade biográfica é uma dimensão constitutiva da experiência humana, por meio da qual os homens dão forma ao que vivem. Essa temporalidade biográfica tem sua gramática ou sua sintaxe fundamentada na sequência narrativa matricial que representa a trama da vida entre o nascimento e a morte. A pesquisa biográfica faz assim reflexão da inscrição do agir e do pensar humanos em figuras orientadas e articuladas no tempo que organizam e constroem a experiência segundo a lógica de uma razão narrativa. De acordo com essa lógica, o indivíduo humano vive cada instante de sua vida como o momento de uma história: história de um instante, história de uma hora, de um dia, história de uma vida (DELORY-MOMBERG, 2016, p.136)

A pesquisa biográfica assume ainda aspectos éticos e políticos, segundo a autora, pois compreende uma responsabilidade para além do âmbito científico se coloca num

campo da educação humana para ela 'A "fala de si", em todos os seus aspectos, serve como um meio pelo qual os indivíduos podem acessar um conhecimento e um poder internos, capacitando-os a se desenvolver e a agir como "sujeitos" em relação aos outros e na sociedade'. A sociedade é estruturada de diferentes formas. Essas diferenças se concretizam nas residências, nos locais, nas regiões em que vivem ou viveram por exemplo. As leituras biográficas permitem o reconhecimento social de forma compreensível, acontece uma 'apropriação da história contada, dos objetivos do sujeito o que para Delory-Momberge (2016) 'permite ao leitor a emancipação por meio de sua racionalização dos feitos narrados permitindo-lhe se quiser passar pelo próprio processo. O vetor pelo qual os seres humanos acessam a um saber e a um poder deles mesmos que lhes dão a capacidade de se desenvolver e de agir enquanto "sujeitos"(2016).

Chartier (), discute em seu texto a questão das práticas que são produzidas por representações inseridas no tempo e local, isso porque esses dois elementos definem como se dá a absorção da cultura e as representações daquilo ou daquele estudado. As biografias conversam com esses aspectos pois são realmente consequências deles, essas forças moldam o sujeito e sua realidade. É impossível pensar que modelos prévios definem esse sujeito, contudo, a forma como o sujeito lê a realidade, como se fora um texto se impõem a prática social por meio das adaptações desses símbolos desse sujeito biografado e se materializam em suas ações referenciada nessas leituras múltiplas da realidade e dos textos que carregam. Entender o que diz o biografado é ler seus processos históricos. Esses que ele disponibiliza ou não nas autobiografias ou nas biografias revela ainda o que esconde, escolhas, modos e modelos que variam no tempo e lugar, essa prática é cultural pois é recebida e materializada portanto se significa e ressignifica como aspectos de cultura. É isso que alcança os professores e estudantes. O interesse do professor, pode ser influenciado por sua área de especialização, suas preferências pessoais e sua compreensão dos temas relevantes para a turma. Em segundo lugar, os interesses e realidades específicas dos alunos também desempenham um papel importante na escolha dos personagens e biografias a serem abordados. Os alunos podem ter interesse em figuras históricas desde que reflitam suas próprias identidades, experiências culturais ou contextos sociais. Mas primeiro é preciso ser percebido como possibilidade a escrita da história de personagens locais. Além disso, a disponibilidade de obras e dados biográficos para os personagens selecionados também pode influenciar a escolha, pois é importante contar com recursos adequados para apoiar o estudo e a análise das vidas individuais e contribuições históricas dos biografados.

O grande problema é que é preciso encontrar os meios para a realização. Para isso foi preciso buscar as fontes para o trabalho. Seguimos o caminho dos arquivos. Anjos (2012) trabalhou com a questão de arquivos com um importante questionamento, a saber, o arquivo como "lugar de memória" e a transformação que a prática

historiográfica nele realiza ao torná-lo, um “Lugar para a História” é importante notar que apesar da diferença do campo onde isso foi pesquisado o texto fala sobre representações sociais, cultura, só que nos ambientes escolares das escolas do Paraná no século XIX. Aqui procuramos focar na formação do padre e seu protagonismo, entretanto a questão das representações estão ali nas letras do seu ego documento que revelam as motivações de suas ações e de como o levou a participar da construção de uma cidade de trabalhadores. A cidade do Guará surgiu à margem do maior exemplo de cidade modernista do mundo, que é Brasília. Os documentos que nos nortearam foram em grande parte conseguidos nos fundos do Arquivo Público do Distrito Federal, segundo a seu sítio na Internet, “Criado em março de 1985 através do Decreto nº 8.530, o Arquivo Público do Distrito Federal (ArPDF) funciona sob a supervisão da Casa Civil do Distrito Federal. Sua função primordial é organizar e gerenciar a coleta de documentos produzidos e acumulados pelo Poder Executivo da capital brasileira, além de documentos privados de interesse público” (DISTRITO FEDERAL,2017).

Anjos (2012) afirma a importância do uso dos arquivos desse tipo possibilitaram a ele realizar a reflexão acerca de uma experiência de pesquisa em história da Educação no século XIX. Essa busca se deu no Arquivo Público Municipal Casa da Memória da Lapa (PR). Para ele ao publicizar o arquivo o historiador se presta um importante papel de divulgação não só de seu acervo mas, de como ele permite fazer a passagem do documento para a criação de elementos para o conhecimento da história, para o autor o historiador deve buscar conhecer os arquivos para que possa, segundo suas palavras, transformar o Arquivo “lugar de memória” e a transformação que a prática historiográfica nele realiza ao torná-lo, um “Lugar para a História”. Para Anjos (2012) o arquivo é um importante meio de conservação histórica com algumas peculiaridades. Socialmente é considerado como objeto de conservação da realidade, do que foi, ou ainda do próprio fato. Esquece-se de que o arquivo é um objeto tratado por alguém, o arquivista, é esse personagem que determina o que manter, para onde deve caminhar sua narrativa e o que será preservado. Afirma Anjos (2012). ‘Essa lógica do arquivo impõe, já de início, consideráveis limitações à produção do conhecimento histórico que o toma por base, na medida em que descarta com frequência boa parte da documentação que poderia apresentar as contradições presentes nos processos históricos, as lutas e tensões entre o Estado ou uma instituição ou ainda os sujeitos que os integram, por exemplo.

Fica muito claro que o autor parte da ideia presente em autores como Pierre Nora, e Peter Burke, dos quais bebe para afirmar que a lógica da construção dos arquivos leva em conta o que é importante, mas essa importância está delimitada pelo sujeito que constrói o arquivo recortado da realidade aspectos, não ela como tal. No momento que o faz revela ao esquecimento muitas vezes as tensões e conflitos da realidade que muitas vezes propõem o tal documento em forma de lei por exemplo, como

documentos de manifestação quanto a alguma coisa da realidade, dos processos históricos e principalmente de seus personagens agindo naquele momento. Quem escreve um documento primeiro tem que ser alguém legitimado por processos de reconhecimento, são por assim dizer juramentados, autorizados a fazê-lo. Exercem poder de recortar e construir uma realidade oficial, de outro lado tem também o poder de criar o esquecimento do que não convém lembrar.

No primeiro caso, o da memória social, o Arquivo torna-se o lugar que ajuda a apresentar às gerações futuras determinadas imagens do grupo ou instituição que nele deposita sua documentação, das quais se constitui baluarte e guardião. Ele oferece, a partir de um conjunto de realidades que ajuda a recordar, uma identidade para o grupo que o institui. No segundo caso, o da amnésia social, ele constitui-se no lugar que sentencia ao esquecimento aquilo que seus mantenedores ou organizadores consideraram não importante ou mesmo indesejado de ser lembrado nessa memória social em construção. O arquivo “lugar de memória” serve, então, tanto para recordar o passado como para esquecer e “apagar” algumas das suas facetas. (ANJOS, 2012, p.175)

Existe ainda um aspecto muito importante levantado pelo autor e é o relativo que chama de que os textos dos arquivos são acontecimentos para o historiador. Mesmo que relativizados pelo recorte, ainda assim os textos permitem ao historiador a possibilidade de conhecer algo. De conhecer algo sobre os sujeitos, sobre o contexto, naquilo que chama de experiências do sujeito e como ele se comporta na sua relação com a sociedade em que vive. Multifacetado, por óbvio, mas ainda assim real dentro de uma rede de experiências sociais, com o relato dessas vivências, que estão nos relatos das autobiografias.

Para Viñao (2000) a autobiografia passou despercebida por um tempo devido a alguns fatores que ele aponta. Em primeiro lugar, isso ocorreu devido à predominância, geralmente, de enfoques essencialistas, construída em torno dos personagens históricos da macroestrutura, como ícones de uma sociedade assim por exemplo é comum surgir líderes de governos, dos exércitos, entre outros sistemas variando de acordo com as épocas e os países. Em segundo lugar, a ligação da história das biografias com o modelo de construção de personagens e ufanismos sem medida como foi feito no século XIX por exemplo. Afirmar, existe um locus sendo criado cada vez mais, é o pensar sobre a relação da história com o sujeito, como dizem e o que dizem, como vivem, como se realizam como indivíduos. O interesse mostrado na história cultural do social se relaciona com isso, é um interessar-se pela história dos que estão abaixo, das camadas subalternas como apropriação de signos e de cultura., mas principalmente da forma como interpretou toda a carga em que estava inserido. Afirmar ainda que para entender o porquê da valorização da biografia pessoal se dá porque ela conta a história de protagonistas regionais, de movimentos como os trabalhistas, populares, religiosos, de personagens anônimos aqueles, outrora entendidos como irrelevantes. Agora passam a ser não só relevantes mas essenciais para entender os processos de construção histórica local.

Para Viñao (2000) essa mudança de perspectiva decorre do maior espaço conquistado pelo micro história, pois ela trabalha em conjunturas de escala reduzida e lá se realiza a observação. Fato que só é possível por uma aproximação do sujeito que se dá por exemplo graças a uma análise intensiva de material documental. Os documentos a que o autor se refere são diversos. Os egos documentos são exemplos de fontes importantes para pesquisa, pois são textos auto referenciados. É possível dizer pelos textos o que existia no íntimo do sujeito naquele momento. Se refere a ele mesmo. Encontramos o sujeito histórico no momento em que vivenciou o fato naquele lugar especial, naquele tempo, o texto é o refúgio desse “eu” que se converte em elemento de referência, a saber em texto, e que se transforma então em um campo de investigação.

A investigação do sujeito por meio daquilo que ele diz sobre ele mesmo. Permite captar aspectos que não eram visíveis desde uma perspectiva mais geral. Em especial, as contradições e separações e fissuras pelas quais os seres humanos operam em seus sistemas prescritivos e normativos, adaptando-os à sua mentalidade e necessidade, em um jogo de relações recíprocas entre o reino da liberdade e o da necessidade. Outro caminho de enfoque ou perspectiva que tem recolocado o sujeito no centro da atenção dos historiadores é a questão de gênero. A questão de gênero tem colocado sobre a mesa a voz de uma parte da sociedade silenciada pela história, a mulher. A autobiografia, a memória, o testemunho, as lembranças, as impressões, o autorretrato, as próprias confissões, o seu dia-a-dia, as suas agendas, os livros de família, um livro de contos, um livro de cotidiano, uma carta. Todos esses elementos são pontes de encontro para Viñao (2000), são todas pistas de referências sociais. Por trás das escrituras autorreferenciadas existe alguém que escreve, um autor, e mais de valores sociais auto-referenciados e adaptados, são valores culturais, portanto inseridos no contexto de uma sociedade entretanto adaptados de forma individual.

Percebe-se que os dos ego-documentos se movem entre dois campos, o pessoal e o privado, relacionando-se então com o exterior e o público, desde o momento zero, o momento em que ele começou a escrever e aceitou, com todas as limitações, com todos os medos que essa pessoa tem, que o que for escrito pode ser lido por alguém. E isso está contido na escrita como uma correspondência entre o escritor é aquele que vai ler, por ele e outro. Carla Bassanezi Pinsky (2010) acredita ser interessante observar como a abordagem da História tem mudado ao longo do tempo. A tradicional narrativa baseada em fatos e nomes tem agora uma forma concorrente com ênfase na história social e cultural, onde os estudos das mentalidades e representações desempenham um papel importante. Pessoas comuns, com suas experiências individuais, estão sendo reconhecidas como sujeitos históricos válidos. O cotidiano tornou-se uma parte significativa do currículo escolar, como objeto de estudo e o etnocentrismo está gradualmente sendo deixado como forma única do saber histórico

em favor de uma visão mais pluralista e inclusiva da história. Para a autora é notável como temas como meio ambiente, gênero e direitos humanos podem e estão recebendo uma atenção crescente por parte dos historiadores. Isso reflete uma mudança de paradigma na disciplina, onde questões sociais, culturais e ambientais estão sendo cada vez mais integradas à narrativa histórica. Essa abordagem mais ampla e inclusiva permite uma compreensão mais completa e contextualizada do passado e de suas implicações para o presente e o futuro. Por outro lado, o estudo das biografias e autobiografias permitem um diálogo com esses novos temas

A biografia está sendo trabalhada de forma a construir objetos de pesquisa utilizando abordagens da micro-história, a história vista de baixo, a história oral e a história antropológica. Essas perspectivas oferecem uma compreensão mais profunda e contextualizada da vida permitindo-nos explorar não apenas suas ações e realizações de forma individual, mas também as forças sociais, culturais e políticas que moldaram sua trajetória. Ao utilizar essas diversas metodologias, os historiadores podem oferecer uma narrativa rica e multifacetada, que lança luz sobre os detalhes e nuances da vida e principalmente seu impacto na história mais ampla de sua época. Pinsky (2010) lembra em seu texto que a história possui em sua narrativa uma verdade essencial da natureza, que é também da vida. Outrossim, sempre há um elemento de indeterminação e imprevisibilidade na vida de cada indivíduo, bem como nos eventos históricos. Por mais que tentemos entender e explicar o passado, sempre haverá aspectos que permanecem desconhecidos ou inexplicáveis. Isso nos lembra da complexidade da condição humana e da necessidade de humildade diante da vastidão do tempo e da história.

Não obstante, uma outra questão parece ser relevante nesse debate todo, estamos nos referindo a pesquisa histórica na etapa do ensino fundamental, é possível pensar em pesquisas voltadas à relação entre pessoas e suas histórias de vida e conteúdo programático? Para Pinsky (2010) o trabalho com biografias em salas de aula se justifica por duas razões principais. Primeiro, o forte apelo que esse gênero exerce sobre o público em geral, devido ao interesse natural nas vidas individuais e na trajetória de figuras históricas. Segundo, o papel que a biografia desempenha como representação no contexto histórico ao qual pertence o biografado. A biografia, por ser um gênero literário popular, desperta a curiosidade dos estudantes ao fornecer nomes e fatos concretos que tornam o processo histórico mais tangível e pessoal. Ela personaliza a história, permitindo que os alunos se identifiquem com as personagens e se interessem pelos momentos históricos. Portanto, o objetivo não é exaltar apenas os grandes homens, mas sim incorporar a história social e cultural, tanto de figuras comuns quanto de líderes e artistas, como representações de seus períodos históricos. Essa abordagem mais ampla e inclusiva enriquece o ensino da história ao contextualizar os eventos dentro das experiências individuais e coletivas dos protagonistas do passado.

Não podemos esquecer o momento que o conteúdo da história passou e em alguns locais ainda têm passado por muito questionamento por parte de setores da sociedade. A autoridade de guardião e intérprete de conteúdo sociais consolidados que era desempenhado por professores de humanas, passou a ser reduzida a uma interpretação relativa e às vezes chamada de doutrinação. Como professor de história posso afirmar que existem momentos de constrangimento devido a questões como o terra planismo e ainda as tais narrativas fundadas na máxima “eu penso assim”, entre outras máximas trazidas por alunos e até mesmo professores. É preciso reconciliar a sala de aula, aproximar professores e estudantes. Este afastamento não se reduz a fatos isolados. Não se pode esquecer ainda que a própria produção dos conteúdos históricos é por muitas vezes conteúdo distantes da realidade do estudante. Pinsky (2010) percebe que é comum na história política percebermos os rostos e os nomes dos indivíduos como líderes, pois muitas vezes são essas figuras que desempenham papéis proeminentes em eventos históricos importantes. Esses líderes políticos muitas vezes são destacados devido ao seu papel na formulação de políticas, na tomada de decisões ou na condução de movimentos e revoluções. Suas ações e ideias podem ter um impacto significativo na história de uma nação ou de um povo, e é por isso que eles recebem uma atenção especial nos estudos políticos e históricos. No entanto, é importante também reconhecer o papel das massas e dos movimentos sociais na história política, além de considerar o contexto mais amplo em que esses líderes emergiram e atuaram. Se existe uma influência nesses processos de forma efetiva e real ela se dá na seleção dos personagens e biografias para serem estudados em sala de aula depende principalmente de dois elementos principais. Em primeiro lugar, o interesse do professor, que pode ser influenciado por sua área de especialização, suas preferências pessoais e sua compreensão dos temas relevantes para a turma. Em segundo lugar, os interesses e realidades específicas dos alunos também desempenham um papel importante na escolha dos personagens e biografias a serem abordados.

Neste sentido Silva (2010) afirma que a biografia pode facilitar aos professores um instrumental para a sala de aula pois dialoga com o espaço em que o aluno se encontra o espaço do cotidiano devido a História passar a falar de personagens contemporâneos dos estudantes e de sua vida privada, assunto muito visitado hoje em dia em muitas mídias disponíveis digitais ou não. Silva (2010) situa a autobiografia e as biografias no campo da micro história assim como a análise das pessoas comuns, e a reconstrução de seus passos é a reconstrução da própria história. Para ela, o trabalho do historiador deve focar tanto nos grandes personagens quanto nos guerreiros do dia-a-dia. Os estudantes podem ter interesse em figuras históricas desde que reflitam suas próprias identidades, experiências culturais ou contextos sociais. Mas primeiro é preciso ser percebido como possibilidade de trabalho pedagógico com o foco na escrita da história de personagens locais. Além disso, a disponibilidade de obras e dados biográficos para os personagens selecionados

também pode influenciar a escolha, pois é importante contar com recursos adequados para apoiar o estudo e a análise das vidas individuais e contribuições históricas dos biografados.

Sem dúvida, a história da vida de um personagem histórico pode ser aproveitada de forma eficaz para uma abordagem interdisciplinar com outras disciplinas, como literatura, cinema e língua portuguesa Silva (2010) afirma que a biografia e ou a autobiografia reflete a discussão do papel dos cidadãos comuns, pertencentes a um grupo social, a um espaço geográfico, e por exemplo a possíveis soluções que eles a partir da reflexão crítica possam criar. Por exemplo, a leitura de biografias pode enriquecer a compreensão dos contextos históricos abordados em obras literárias, permitindo uma análise mais profunda das influências pessoais e sociais sobre os autores e seus trabalhos. Da mesma forma, filmes biográficos podem oferecer uma representação visual e emocionalmente impactante da vida de um indivíduo, complementando o estudo histórico com uma perspectiva audiovisual. Além disso, a análise das narrativas biográficas podem contribuir para o desenvolvimento das habilidades de leitura, escrita e interpretação textual dos alunos, tornando o estudo da história mais dinâmico e envolvente. Em suma, a interdisciplinaridade entre história e outras disciplinas pode enriquecer significativamente o processo de aprendizado e promover uma compreensão mais holística e contextualizada do passado.

E quem foi Padre Aleixo na construção do Mutirão.

A justificativa para escolher esse personagem como objeto de estudo para meu artigo está ligada à total relevância histórica e social deste padre dentro do processo de formação do Guará, a chegada dele nesta área, acontece no que se conheceu então como Mutirão. Sua vida se mistura com a história da ocupação desta área periférica e com a de Brasília. O padre foi personagem fundamental para a compreensão da formação daquilo que se costuma chamar de dinâmica social envolvendo seus habitantes na fundação da cidade. Inicialmente é preciso perceber dois aspectos: quem foi o Padre Aleixo como cidadão em sua história pessoal, e segundo como o resultado dessa formação acaba impactando suas obras para o surgimento da própria cidade.

É que esta dinâmica social, história do padre acaba por resgatar a memória da cidade de forma peculiar ao mesclar a trajetória do Padre Aleixo Susin (a partir de agora P.e. Aleixo) fundador da Paróquia São Paulo Apóstolo no Guará I, com a construção das casas do chamado Mutirão. A figura do padre foi central no processo de organização e apoio aos trabalhadores que se estabeleceram na região do Guará. A centralidade se dá de forma dupla pois atuou como organizador de uma comunidade coesa e

solidária, chamada de paróquia mas também na construção física do bairro. É impossível pensar em todas as suas obras sociais na igreja, esse aspecto importante não é o objeto do texto, provavelmente foi responsável por diversas iniciativas em prol da comunidade local para além da construção da igreja, sabe-se da organização de atividades pastorais, a criação de programas de assistência social e caridade, e o estabelecimento de grupos e movimentos religiosos para os fiéis. Entretanto compreender sua influência e as estratégias utilizadas para mobilizar os trabalhadores oferece uma visão rica e detalhada sobre os desafios e conquistas desse período estimuladas também por ele. É preciso reconstruir sua história desde Caxias do Sul, sua cidade de origem, perceber um outro contexto que o cria como personagem, que é a questão da descendência italiana somada à formação católica. Ele é filho da cidade de Caxias do Sul no estado do Rio Grande do Sul.

A prefeitura de Caxias do Sul em seu sítio oficial da internet relata a história da cidade inter-relacionando a com as ondas de imigração italiana para o Brasil. Segundo o sítio, a região que hoje compreende Caxias do Sul era uma região de tropeiros ocupada por indígenas sendo a região chamada Campo dos Bugres. O sítio determina a mudança da região de forma categórica, a passagem de uma região originalmente selvagem para a cidade que viria a ser acontece a partir de 1875 com as primeiras levadas de imigrantes italianos em busca de novas condições de vida. Seu nome Caxias do Sul surge de uma homenagem a Duque de Caxias, o município só receberia a categoria de cidade em 1910, chamando-se Caxias, o complemento que a tornaria Caxias 'do Sul' só aconteceria em 1944 segundo o site devido a um decreto local. E sendo a cidade de nascimento do padre tão ligada à questão da imigração italiana é preciso antes perceber que existiram diversas formas de imigração italiana, dependendo do contexto os imigrantes do velho mundo eram recebidos de diferentes formas.

Alvim (1986) afirma que a questão da imigração italiana também foi campo de disputa. Durante muito tempo, a historiografia italiana, principalmente a contemporânea, explicava a emigração de massa, ora no fator "expulsivo", ora no "atrativo" nos termos da autora. Mas não só essa questão existia ainda a polêmica hipótese de ter sido o crescimento demográfico da Itália no século passado, responsável pela situação de miséria, o que levou à emigração daqueles que não conseguiam trabalho no próprio país. A autora afirma que recentemente, porém, os autores italianos chegaram a um acordo, estabelecendo que a emigração de massa só pode ser analisada dentro de um quadro mais amplo do crescimento mundial do capitalismo. Os grandes latifúndios surgiram nas terras italianas e foram decisivos tanto para a fome quanto para a imigração tornando a Itália uma grande fornecedora, se não a maior, de mão de obra no século XIX.

Do lado expulsor, a Itália, isso se explica pela forma como ocorreu a penetração capitalista no campo: concentração da propriedade; altas taxas

de impostos sobre a terra, que impeliram o pequeno proprietário a empréstimos e ao consequente endividamento; oferta, pela grande propriedade, de produtos a preços inferiores no mercado, eliminando a concorrência do pequeno agricultor; e, finalmente, a sua transformação em mão-de-obra para a indústria nascente. Tal processo não se deu de maneira uniforme, mas, à medida que se implantava, foi liberando um excedente de mão-de-obra que o próprio país não tinha condições de absorver. Para esses, a sobrevivência passava pela emigração (ALVIM, 1986,p.)

E o segundo fator, o atrativo, era desenvolvido pelo agro brasileiro. Esse que necessitava de mão de obra barata e abundante na transição da mão de obra escrava para a mão de obra paga nos anos de 1870. Um exemplo é a exploração das propriedades em São Paulo num primeiro momento com o modelo de parceria, modelo que fracassou mesmo porque ela aconteceu concomitante ao modelo de mão de obra escrava ainda existente. A questão dos trabalhadores do modelo escravo para o assalariado foi portanto paulatinamente inserida os pós escravidão se apoiou no trabalho dos italianos. Foram esses trabalhadores que foram para Caxias do Sul, São Paulo, Paraná, e tantos lugares do Brasil, o desejo pelo pedaço de terra para produzir e viver. Assim a descendência italiana vinha carregada pelas marcas da pobreza, carestia, e luta pela sobrevivência. Trazia consigo também os elementos da religiosidade católica. Nesta busca das raízes do P.e. Aleixo além de sua descendência a escolha na formação de seu sacerdócio é essencial. Este mesmo contexto de mudança estrutural na Itália do século XIX influenciará também uma igreja que também já vinha abalada desde a revolução francesa, que apesar de ter acontecido no país próximo influenciou as relações de Estado e Igreja lá e em toda a Europa. Segundo Arruda e Piletti (1997) a revolução Francesa está inserida no que os autores chamam de Era das Revoluções Burguesas iniciado no fim do século XVII e nesse caso se a revolução Industrial inglesa (1760) marca a transformação dos processos e de situações como o surgimento da indústrias mas também no campo no surgimento do capitalismo agrário de grandes propriedades os enclosures (grandes parcelas de terra) e a expulsão dos pequenos trabalhadores rurais do campo para a cidade, por outro lado a Revolução Francesa marca a mudança do homem abandonando os valores e estruturação da sociedade feudal baseada no sangue e na consanguinidade em função da sociedade burguesa com valor no trabalho e no capital. Esse momento marca também uma expansão e imigração de congregações católicas segundo Orides (2016) não podemos desconsiderar os efeitos da Revolução Francesa principalmente quanto a posição da igreja católica. Para além da Revolução do Estado moderno temos uma revolução da forma como o homem percebia sua própria sociedade. Ideias como as de o Positivismo de Auguste Comte, o socialismo e o Liberalismo, e a teoria da evolução de Darwin, foram decisivas para a busca por novos locais. Segundo ele 'nesse contexto, a Santa Sé e os líderes da Igreja na Europa e na América voltaram seus olhos para a América do Sul, especialmente para o Brasil, como um local onde os imigrantes poderiam encontrar um ambiente mais tranquilo e a Igreja poderia ter mais esperança e paz'.(2016)

No Rio Grande do Sul, a maioria da população era católica, mas praticava um Cristianismo caseiro, resultante da mistura de açorianos, tropeiros, bandeirantes, militares e resquícios de indígenas das reduções jesuíticas. Foi a partir dessa época que algumas Igrejas cristãs-evangélicas começaram a chegar ao Brasil e ao Rio Grande do Sul, assim como várias congregações religiosas. No Rio Grande do Sul, existem atualmente 105 grupos religiosos distintos; no Brasil, chegaram 29 congregações no século XIX, no século XX e cinco em séculos anteriores. No Rio Grande do Sul, a maioria das congregações chegou no século XX, totalizando 86 das 105 existentes, incluindo os Josefinos de Murialdo, que chegaram em 1915.(ORIDES, 2016,p.28)

A congregação dos Josefinos de Murialdo é formada por devotos de São José. Estes valorizam o trabalho atuando principalmente junto aos jovens e adolescentes com ações educativas e pastorais sendo o objetivo estar próximo aos pobres e necessitados. A história da Congregação de São José está intimamente ligada ao Colégio Artigianelli de Turim e tem por lema 'Ide pelo mundo universo'. Para Orides (2016) Caxias do Sul é importantíssima nessa relação Ítalo-brasileira da religiosidade, e definitiva na relação de vida do P.e Aleixo com a cidade do Guará. Entretanto, antes de sua chegada ao Mutirão P.e. Aleixo percorreu cidades como Roma, Porto Alegre, e outros locais que ele mesmo conta em seu livro de memória de nome Reminiscências (2003). Neste livro o padre conta uma série de fatos de sua vida desde sua ordenação até fatos mais recentes, recortamos os fatos que antecedem sua chegada ao Guará até a decisão da construção da capela. Com esse texto autobiográfico procuramos entender todo esse processo. Destacamos por exemplo que o estudo da micro-história já não é algo estranho ao campo da História muito devido a obras como O queijo e os vermes de Carlo Ginzburg (2010). Ali o autor italiano defende a ideia de que dar voz aos de classes inferiores, antes condenados ao silêncio, principalmente em seus textos biográficos, podem revelar um universo representativo como o que chama de microcosmo daquele estrato social em um determinado período histórico.

Assim como a língua a cultura oferece segundo Ginzburg (2010) 'possibilidades latentes' que podem ser traduzidos por, horizontes, fortes, flexíveis e adaptados pelos sujeitos mesmo sendo condicionadas por outras forças, espaços mínimos que sejam de adaptação aos fatos do momento em que vivem, como essas informações eram lidas por sujeitos como nosso padre. E afirma Ginzburg (2010) o que emerge desses relatos é o que se chama mentalidades. Entretanto segundo o autor é importante ressaltar que a mentalidade que ele percebe é algo específico da religiosidade do século XVI que dominava totalmente corações e mentes socialmente hegemônica naquele momento na Itália, mas que não se pode afirmar que sejam as mesmas ideias de todos os que ali vivam, por exemplo quando se fala da comunidade de artesãos da cidade por exemplo. No caso do nosso personagem, temos um sujeito ligado ao cabedal de conhecimentos religiosos que dominavam totalmente, que o condicionava independente de avaliações valorativas, falamos de um tipo de mentalidade religiosa

da ordem católica a que estava submetido. Podemos perceber essa relação já na apresentação de seu livro, quando o autor afirma: ‘Sempre tive muita devoção a S. José, desde que entrei em sua congregação. Em grande parte, o devo ao exemplo do saudoso Pe. João Schiavo e do seu grande amigo falecido Pe. Cornelio Todesco. São José e almas me ajudaram e protegem de modo palpável e extraordinário em diversas situações’. Nascido em 1927 em Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, Pe. Aleixo tomou a decisão de seguir a vida religiosa, chamada Profissão Perpétua em 1948 em sua cidade natal, sendo ordenado em 1953. Entre 1950 seria mandado para uma escola da ordem e no mesmo ano seria enviado para terminar sua formação em Roma.

Aliás ele conta de sua estada em Roma fora uma grande provação, não devido a rotina de formação, mas devido a sua dupla. Ainda no seu primeiro ano na cidade da Santa Sé, ele e outro seminarista brasileiro que chegaram junto no navio do Brasil foram também escolhidos para estudar juntos na Escola Gregoriana. Para Pe. Aleixo isso era uma honra, um grande privilégio, o mesmo sentimento de gratidão não era dividido pelo seu companheiro de empreitada. Este seminarista já vinha desde o Brasil com uma má fama quanto ao seu mau humor, segundo os seminaristas que estudam com ele tinha o hábito de manter velas acesas todas as noites em sua tenda e de passar os dias mal-humorado sem falar com ninguém, nem mesmo com os superiores da irmandade, afirma o padre que mesmo que fosse feito talvez nada seria resolvido pois naquele momento era a obediência cega que reinava assim o que os superiores diziam era lei, sem questionamentos. O companheiro de cabine desde a saída do porto de Santos não lhe dirigia uma palavra e qualquer tentativa de conversa era imediatamente respondida de forma agressiva, ao chegar em Roma foram designados a passar a formação de 4 anos juntos no mesmo quarto. O período de formação na escola Gregoriana foi marcado pelas constantes faltas do mau-humorado noviço. Após os 4 anos de seminário, ao pegar o trem de volta confessou finalmente que não queria ser ordenado a vida de padre era uma promessa à mãe que o queria ver padre, mas ele não ao chegar no Brasil após algum tempo pediu desligamento e voltou a vida anterior a de padre.

Esta história nos mostra algo que aparece na obra *Stemma Ferrarini Da Itália ao Paraná- 100 anos depois* (1989) de Sebastião Ferrarini, afirma o autor que os vínculos familiares asseguram a perpetuação das mais sagradas tradições, herdadas e trazidas das mais belas da bela Mãe Itália” (1989), mas Pe. Aleixo nos fala que não seria apenas a questão da tradição que colocaria jovens descendentes de italianos nas linhas da igreja. Em uma outra passagem sobre sua vida, o Pe. Aleixo afirma sobre a fome

Nós religiosos fazemos voto de pobreza, mas na prática não somos pobres. Temos tudo à disposição. Não nos falta nada. Comida excelente. Dinheiro, e só pedir, Turismo religioso Plano de saúde. Não precisamos nos preocupar com o futuro. Não precisamos preocupar com o futuro. Temos todas as garantias Somos de classe, classe média. Posso dizer que em 1968 vivi

realmente pobre. E foi o ano em que proclamei a minha independência, aqui de Brasília. Não tinha dinheiro. Não tinha recursos. Trabalhando duro como operário no famoso “Mutirão “aqui no Guará. Hospedado no Instituto La Salle perto de Taguatinga. Os beneméritos irmãos Lassalistas, além das refeições de manhã, me concediam as sobras da janta para o meio dia, para levar ao trabalho. Sobras que deveria repartir com os colegas de trabalho que não tinham o que comer (SUSIN, 2003, p. 242)

Desde a fundação da Congregação dos Josefinos de Murialdo por seu fundador Leonardo Murialdo (1828-1900) o objetivo da Congregação é a dedicação aos pobres, aliás é uma missão histórica do fundador do Cristianismo. Seguindo a obra de Orides (2016) percebemos que no autor a definição de uma real missão da igreja, a saber, é *santificar-se através dos pobres*. Segundo o autor, a Igreja é muito exigente e sábia não declara ninguém bem-aventurado ou santo sem sondar-lhe em profundidade toda a vida, sem examinar suas obras, seus atos, seus escritos. (p.24). Orides (2016) afirma ainda que a Congregação dos Josefinos de Murialdo então buscava se identificar e dar preferência ao trabalho que converge para a juventude carente e abandonada, pois é essa obra que cria modelos de santos e sacerdotes. Esses que assim o fizeram viveram na santidade, fundamentada de forma sólida. Segundo o fundador dos Josefinos de Murialdo que era alguém abastado é preciso dedicar-se inteiramente aos pobres assim como o fundador Leonardo Murialdo (1828-1900) o fez na cidade de Turim em sua época. Esse tipo de explicação pode trazer elementos da mentalidade de Pe. Aleixo, a busca da santidade pela obra. Contudo em seu livro em nenhum momento ele afirma buscar a tal obra de santificação ou em função desta. Apesar de Orides (2016) traçar esse ideal para a congregação. Percebemos que a questão levantada por Ferrarini (1989) não deve ser desconsiderada pois segundo afirma Alvim (1986) os italianos ao chegar no Brasil buscavam se normalizar como parte de um país que não os recepcionou com os braços tão abertos como faz parecer o senso comum. A única forma de evitar o esfacelamento de seu grupo social era trabalhar em grupo assim as empresas familiares, as colônias, e ainda a manutenção de valores da sociedade anterior, nesse caso o catolicismo. A Itália, a que pertenciam, afinal, a antiga pátria também não os ampararia para um retorno, assim aqueles valores da congregação que conduziria a uma santificação ao mesmo tempo serviriam de substância que consolidada esses que aqui chegavam como parte da comunidade em uma nova comunidade. A participação em congregações abria então um campo de legitimação social por meio dos afetos religiosos de uma entidade já aceita pelos locais, os portugueses eram católicos em grande medida, pode-se pensar na hipótese de que se santificaram e normalizaram-se pela igreja e suas obras nas localidades.

Quando o Pe. Aleixo volta ao Brasil no ano de 1954 ele seria nomeado chefe dos noviços em São Leopoldo no Rio Grande do Sul, ali estudou filosofia e retórica com grande dedicação. Em 1956 foi transferido para Caxias do Sul e lá também seria chefe de noviços na Comunidade Conceição seguiu então em 1960 ainda na região para o

mesmo cargo na fazenda Souza, Antes de vir para o Distrito Federal foi pároco em Porto Alegre. De lá virá para Brasília.

Na busca pela história de nosso personagem principal precisamos estabelecer o contexto da Construção da nova capital. O Guará surge no contexto das cidades satélites, nome que possuíam na época de suas construções. Mutirão foi o primeiro nome dado à organização da construção comunitária de moradias que surgiu próximo ao Setor de Indústria e Alimentação (SIA). Esses imigrantes que chegaram a Brasília vieram para construir a nova capital, com a promessa de residência que foi cumprida apenas em assentamentos distantes em casas de madeira. Os sujeitos das primeiras ocupações eram os trabalhadores que não seriam acomodados dentro do território principal, que era reservado principalmente para militares, altos escalões do serviço público e professores em prédios das 400. Os trabalhadores, portanto, foram “periferizados”, e a cidade criou locais distantes para assentar essas pessoas. Não é o caso do Mutirão, futuro Guará, que está localizado a 14km do plano piloto Taguatinga por exemplo está a 22 km de distância é o Gama a 33 km Taguatinga, por exemplo, surgiu do esgotamento da política das casas de madeira das construtoras que assim agiam na capital sempre mantendo a política do provisório. Na Vila Sarah Kubitschek, nome original da cidade. Ali os trabalhadores poderiam adquirir terrenos para construir suas casas. “Taguatinga foi a primeira cidade-satélite criada pela Novacap com o objetivo de proporcionar aos candangos que ajudaram a construir a capital a aquisição de um terreno para a construção da casa própria” (AGÊNCIA BRASÍLIA, 2019).

Quando a cidade de Taguatinga foi criada, adiantou o plano de Lúcio Costa em 10 anos ao menos. Em 1958 a cidade tinha apenas alguns traços do ponto de vista da construção, contudo existia uma enorme pressão por moradia. Silva (1997) é incorreto falar que as cidades-satélites não foram planejadas, o que realmente aconteceu foi uma antecipação que desorganizou os prazos. Na verdade, nos parece que o erro estaria em pensar que os trabalhadores excluídos do Brasil desempregados, iriam trabalhar e voltar, afinal voltariam para aonde. O contexto do adensamento que ocorreu na Europa no século XVIII- XIX chega com mais força ao Brasil a expulsão desses camponeses que encontram sua terra de oportunidades. Ao construir Brasília o governo brasileiro que organizava seu salto para o mundo para a modernidade esqueceu que não possuíamos nem mesmo máquinas, se utilizou da massa de mão de obra, sem máquinas, foi no braço dos desempregados que levantaram todas essas cidades Chain (2018) afirma que esse fator foi definitivo para a consecução da obra da modernidade e este é um dos motivos da pressão por moradias na nova capital. Segundo Silva, o presidente Juscelino Kubitschek foi convidado a jantar no restaurante JK, na Cidade Livre e segundo Silva 2 mil trabalhadores o esperavam ali. Foi preciso que o próprio Ernesto Silva falasse aos trabalhadores que a NOVACAP,

criaria as cidades-satélites, um primeiro passo foi criar a Vila Sarah Kubitschek e depois Taguatinga.

Mendes (2006) nos fala que a Cidade Livre, nome dado a primeira das cidades satélites, era o assentamento que acolhia aos trabalhadores de baixo escalão, já aos servidores públicos e militares que chegavam do Rio de Janeiro e outras localidades como o Estado de Minas Gerais a forma era diferenciada. O acolhimento de muitos trabalhadores desse último grupo era morar em apartamentos e casas prontas, em uma quadra ou superquadra em fase de acabamento. Aos trabalhadores que apontavam as moradias desses privilegiados destinava-se às cidades satélites e seus diversos canteiros. Brasília era toda um canteiro de obras. A Cidade Livre era o local de concentração, reunião, e lazer, de boa parte desses trabalhadores lá era possível a instalação dos comerciantes desde que tivesse condições de se manter, mas como tudo em Brasília fora o plano piloto o resto deveria ser transitório. Mendes (2006) relata que o próprio nome “Cidade Livre” surgiu do fato da gratuidade dos lotes e da liberação do pagamento de impostos, o que a tornava atraente. O comerciante recebia um lote para construir seu comércio com uma residência aos fundos, desde que fosse de madeira, precisava ser provisória. O plano era a destruição total da cidade em 1960, segundo Mendes (2006), com Israel Pinheiro prometendo ‘passar o trator em tudo’. Além disso, Mendes (2006) relata a precariedade e os desafios de saúde pública para os habitantes naquele momento. Na Cidade Livre por exemplo, o jornal local se chamava “O Barbeiro” como referência à grande presença do barbeiro na região. Para evitar contrair a doença de Chagas usavam barba como solução barata. O jornalista Adirson Vasconcelos em sua obra ‘As cidades satélites de Brasília’ (1988), nos conta que o sistema de construção coletiva organizado por Rogério de Freitas Cunha tinha como objetivo resolver em parte, um grande problema originado pela construção da nova capital a falta de alojamentos para quem vinha para cá trabalhar. Os trabalhadores traziam suas famílias só que não tinham onde morar com os seus.

O Mutirão foi o nome dado a esta iniciativa que era um pequeno assentamento perto dos grandes assentamentos de trabalhadores que cercavam Brasília, nesse caso o problema era os trabalhadores da companhia da nova capital (NOVACAP) e do Setor de Indústria e Alimentação (SIA). A realidade dos trabalhadores que aqui chegaram aos montes era de precariedade total. Para eles a solução era reivindicar. E este fato também foi acompanhado pelo periódico. E uma experiência bem relevante que aconteceu em Taguatinga foi noticiada nas páginas do Correio Braziliense.

No caderno de 11 de dezembro de 1966, (10 constroem para 10 por 500 mil cruzeiros, 1966, p.19) no caderno dedicado às coisas de Taguatinga o jornal traz relatos de uma experiência promovida pelos “Voluntários da paz”. A associação organizou um modelo de construção de casas em cooperativa chamado de “10 constroem para 10 por 500 mil cruzeiros”. A ação coletiva conseguia entregar uma casa de 40m quadrados de área construída por 500 mil cruzeiros, a mesma residência era feita por uma construtora pelo preço de 2 milhões e meio de cruzeiros. Foi uma ação bem sucedida tanto que, em

1968, entregou-se 2000 residências. O jornal Correio Braziliense relatou ainda que o mutirão de Taguatinga serviria de modelo para o mutirão dos servidores da Novacap. Os trabalhadores contavam tanto com organização do trabalho, quanto com os custos reduzidos, outrossim contavam com velocidade da construção e a forma de organizar as ações. Porém, o periódico ressalta que o mutirão de Taguatinga aconteceu em zona rural. Havia algumas novidades, uma foi a sua utilização em uma zona urbana. Outra no terreno do mutirão na cidade de Taguatinga não se fez uma planificação do terreno. (VENTURELLI, 2023)

É preciso pensar aquilo que o jornal informa, afinal se Taguatinga fora planejada, porque a desorganização tomou conta, segundo Silva (1997) foi a criação da Vila Dimas e Vila Mathias com a distribuição para apaniguados, vendas de lotes, que iniciaram a fase desordenada, mas vemos pelos relatos que na verdade a população precisou se servir muitas vezes de tecnologia fornecida pela igreja de fato que o jornal local relata o que acontecia aos domingos, assim na hora do descanso, nesse momento também se tornou importantíssimo o papel do representante da novacap. Rogério de Freitas, surgia o Mutirão com duas máquinas chamadas Cinva Ram produziam mil tijolos a cada 4 horas, terra e saibro eram do terreno, a areia da obra vinha do rio Corumbá e nesse ponto vemos a importância da participação decisória de Rogério de Freitas pois era enviada uma draga da companhia, buscava-se ainda pedra marroada. O material foi fornecido junto com a orientação técnica, mas não eram gratuitos, foram descontados na folha de pagamento dos trabalhadores. Se os trabalhos não fossem concluídos no período das férias, era cedido para o trabalhador meio período que depois era pago como hora extra à companhia O jornal fez uma entrevista com os organizadores desta cooperativa de trabalho que usavam maquinário da igreja de São José e a ajuda do americano Bruce Johnson, de 24 anos americano, jornalista que se dedicou à causa das casas populares e ainda o padre Rui, da paróquia de Taguatinga Norte. Venturelli (2023) afirma que o mutirão dos funcionários da NOVACAP surgiu em 1967. Boa parte dos que vão participar são de Taguatinga. O surgimento das quadras, por exemplo, obedecia às regras, assim, cada uma que fora construída possui 10 casas e as casas seriam entregues quando do fim da construção da quadra, assim eram 10 casas entregues por vez

Cheguei aqui no dia 7 de janeiro de 1968. Vim de Caxias, Rio Grande do Sul. O Guará era só cerrado. Com dois meses que eu estava aqui, criei uma amizade muito grande com outro sacerdote, padre Artemio, que era muito amigo do Dr. Rogério de Freitas Cunha. O Dr. Rogério teve a feliz ideia de criar o mutirão. Como o padre Artemio era muito amigo do Dr. Rogério, tiveram a ideia de me colocar no mutirão também. Eu nunca tinha trabalhado duro, mas tive que começar. Eu estava hospedado no Instituto Agrícola La Salle, que hoje é o colégio La Salle, em Águas Claras. Eu pernoitava lá e durante o dia vinha trabalhar no mutirão'. (REVISTA DO GUARÁ, 2013, p.27)

Pe. Aleixo afirma nesta mesma entrevista que esteve junto à organização da primeira Santa Missa que foi rezada pelo Pe. Artêmio na ocasião da inauguração do Mutirão. Essa contou com a participação de diversas autoridades e a data foi a de 21 de abril

de 1967 e essa data vincula as duas cidades, o Guará e a moderna capital do país. Segundo Vasconcelos (1988) mesmo com todo o significado simbólico que a data carrega foi alterada em 1969 para 5 de maio data que não se vincula a coisa alguma na história da cidade. Fato é que os trabalhadores começaram as obras com o Pe. Aleixo colocando a mão na massa, afirmou, trabalhei entre os simples operários, fui escalado no grupo 36 para a construção de 12 casas (Revista do Guará, 2013).

Sobre o assunto Venturelli (2023), fez um levantamento de diversas notícias do periódico local que cobriu de perto a inauguração da cidade. O Correio Braziliense na edição de 11 de dezembro de 1967 na matéria 'MUTIRÃO' cobriu de perto a inauguração. Em uma de suas primeiras matérias, o periódico cobria justamente o fato relatado pelo Pe. Aleixo, o jornal cobriu a obra dos trabalhadores da NOVACAP e principalmente de como o fizeram de forma comunitária. O curioso sistema de mutirão de 10 servidores construindo 10 casas sem saber a quem seria dada tinha previsão para mais 90 residências apenas, sua continuação era incerta e dependia de aprovação. O Superintendente da Cia. Urbanizadora da nova capital (NOVACAP) Rogério de Freitas Cunha buscava ali naquela obra amenizar o problema de residências para os funcionários de sua empresa. e uma segunda matéria ainda na coluna de Ari Cunha (VISTO LIDO E OUVIDO, 1967,p.3) percebe que o Mutirão foi realizado nos períodos de férias para construir suas casas, nessa edição já se tem uma nova perspectiva para a cidade, que tinha como previsão 45 mil habitantes. Sobre esse ponto da ampliação das obras afirmou o Pe. Aleixo que um funcionário tinha a planta do futuro Guará, então eu já percebi que tinha quadras internas, quadras externas. Dava pra ver que ia se tornar uma grande cidade. Nós trabalhamos pensando nessa cidade que ia se transformar'.(REVISTA DO GUARÁ, 2013, p.27).

Nos sábados, domingos e feriados aparece uma legião de colaboradores, amigos, parentes, e companheiros de repartição de funcionários que assim vem duplicando o número de mão de obra para o trabalho. O entusiasmo é tamanho que funcionários estranhos ao grupo vem prestar horas de trabalho contando pontos para sua vez de construir a casa. As horas de trabalho que o colaborador empregou na construção de casas para seus companheiros são revertidas em seu próprio benefício. (VENTURELLI, 2023)

Em 11 de janeiro, (O MUTIRÃO,1968,p.10) o Correio Braziliense que o prefeito Wadjô Gomide vistoriou o Mutirão da NOVACAP. nesta mesma edição o jornal destaca que a cidade do Mutirão que apelidou de “virando bossa” como fruto de uma modernização de forma romântica baseada no movimento musical na moda à época a Bossa Nova. Ao mesmo tempo, a institucionalização do mutirão ocorre em paralelo que é perceptível pela destinação de recursos para a construção das 2000 unidades pelo Banco Nacional da Habitação (BNH). Curioso perceber o relato do jornal sobre a construção das 10 primeiras casas enquanto piada interna. Mas para quem estava ali não era piada, segundo o padre Aleixo ‘os trabalhadores vinham à minha procura

com satisfação de ter um sacerdote no meio deles, inclusive Dr. Rogério'.(2013). O padre assumiu uma postura de liderança como relata em seu livro autobiográfico segundo ele ao chegar na obra retirava seu chapéu de palha e começava a trabalhar e talvez por essa postura o padre se percebeu como líder da própria obra. disse ele, 'Logo nos primeiros dias que o grupo de 12 trabalhadores que eu era padre, escolheram me como líder do grupo'.(2003). Boa parte desse reconhecimento está ligado a ascendência que a igreja católica possuía naquele momento segundo dados fornecidos na matéria do jornal Rfi "Até 1970, cerca de 92% dos brasileiros se declararam católicos (2019). Aquela presença permitia um tipo de incentivo:trabalhavam de sol a sol pois não trabalhavam só para mim, mas também por três viúvas contempladas com um lote no Mutirão. Elas faziam o café e *coavam* a areia.'(2003).

Vendo-me trabalhar, pobre entre os pobres, todos os que estavam no meu grupo e grupos vizinhos, vinham conhecer-me e apresentar seus parabéns e manifestar suas satisfação por verem um padre trabalhando com eles. O primeiro trabalho foi capinar e demarcar os lotes. Já no dia seguinte, alguém me perguntou quando é que o senhor vai instituir a comarca. (Paróquia) (SUSIN, 2003).

Junto à liderança local do Pe. Aleixo havia a ação contundente de Rogério de Freitas Cunha ele era responsável pelo controle de participação e eficiência com registro para evitar a distribuição para apaniguados e garantir que as casas fossem distribuídas apenas para famílias de trabalhadores de baixa renda segundo Vasconcelos (1988) somente após essa distribuição receberam lotes outros funcionários inclusive aos engenheiros. A construção do Mutirão trouxe muita popularidade ao engenheiro responsável pela obra de acordo com matérias do Correio Braziliense confirmada pelo Jornalista Vasconcelos (1988) O mutirão recebeu o Cardeal-Arcebispo de Quebec Dom Maurice Roy, noticiada no dia arcebispo 06 de março pelo periódico relata Venturelli (2023)

Foi recebido pelas autoridades governamentais do Distrito Federal e por representantes religiosos e da própria embaixada canadense. A viagem de dois dias foi promovida pelo Conselho Episcopal Latino Americano. O Cardeal-Arcebispo Dom Maurice Roy almoçou com o prefeito de Brasília e se dirigiu para as obras do Mutirão. O arcebispo era naquele momento o presidente da Comissão Pontifícia Justiça e Paz que estava visitando vários países da América Latina. Seus compromissos contemplavam almoço com o engenheiro Rogério de Freitas Cunha e o prefeito Wadjô Gomide, no último dia o Cardeal-Arcebispo Dom Maurice teve agenda com deputados e jantou com o presidente Costa e Silva antes de partir para São Paulo.(VENTURELLI, 2023, p. 11)

O Mutirão recebeu ainda o presidente do Chile neste ano, Eduardo Frei, em 5 de setembro o presidente visitou o Mutirão da Novacap, sendo recepcionado pelo engenheiro.

Mas a visita mais gratificante foi a do Cardeal Florit de Florença, Itália. Visitou as obras do Mutirão acompanhado do secretário Interessou-se por tudo, entrou em minha casa, visitou os cômodos, e perguntou; O senhor trabalhou como operário? Exatamente! E quis saber todos os detalhes. No final me abraçou com lágrimas nos

olhos e disse que saia muito edificado e elogiando a obra do Mutirão' (SUSIN, 2003).

A coluna de Yvonne Jean (1968) escreveu em sua coluna a experiência do Mutirão comparando-a uma de Estocolmo que ela presenciou, também feita de forma coletiva e por trabalhadores. Construída no modelo cidade-jardim, essa obra estava sendo replicado dentro das dificuldades de um país periférico cravou a máxima 'A família respeita seu chefe'(1968) e o resultado seria a superação do individualismo em favor do coletivismo, com foco na moradia finaliza "um líder aparece ao natural" (1968). O problema é que aponta o engenheiro como líder e esquece o papel fundamental do Padre que estava todos os dias entre os trabalhadores. Talvez o engenheiro tenha sido o idealizador mas como realizador não se pode ignorar o papel de Pe. Aleixo Susin. O padre afirma em sua autobiografia que o engenheiro aparecia na obra todos os dias, em certos momentos dava carona ao padre que vinha caminhando todos os dias da residência dos Lassalista onde morava e se alimentava, vinha caminhando pela pista Estrada Parque Taguatinga Guará (EPTG), as obras do Mutirão eram ao lado da pista. Tanto o padre quanto o engenheiro sentiam muito orgulho da obra que o padre chamou de 'verdadeiramente cristã', porque ajudava os pobres. Até que ponto a fama e o sucesso da obra da cidade atrapalhou a permanência do engenheiro na companhia não se sabe. Fato é que, segundo Vasconcelos (1988), a fama de Rogério de Freitas Cunha, mesmo muito querido pela comunidade, mas, vivendo um regime autoritário acabou lhe causando problemas de tal forma que pediu demissão da NOVACAP.

Foi após a sua saída que a cidade passou as mãos da Sociedade de Habitações de Interesse Social (SHIS). O Guará surgiu sendo inaugurado pelo então presidente militar Costa e Silva em 1969, com um monumento que existe até hoje na saída da cidade em direção ao plano-piloto. Talvez a Obra da vida do Engenheiro Rogério de Freitas não tenha recebido a placa com o nome dele, mas as coincidências não param por aí, faltava a obra do Padre Aleixo no Guará. Para fins de conclusão desse ponto, Pe. Aleixo foi um operário e líder da comunidade que construiu a cidade, assim se definiu em seu ego documento, talvez não tenha feito de forma equivocada.

Padre Aleixo um Josefino operário. Conclusões.

O resultado dessa liderança veio com a aquisição de uma casa de trabalhador, uma justa recompensa. Padre Aleixo no momento da construção de sua casa afirma que foi ali que ele aprendeu o que é passar fome relata que só comia as sobras do jantar dos lassalistas e bolos e frutas que também tivessem excedendo o que os irmãos lassalistas 'Eu pedia aos irmãos lassalistas que guardassem o resto da janta, tão pobre eu era, para comer na hora do almoço no mutirão. Partilhava com outras pessoas (2013). Comia e trabalhava com os operários ganhou uma casa igual a deles sem esquecer de suas obrigações religiosas e aos domingos celebrava a missa na escola de madeira local para aproximadamente 100 pessoas. Houve muita alegria, pois as pessoas eram trabalhadoras da Prefeitura do Distrito Federal e foram beneficiadas com o terreno. Eu também nunca imaginava que pudesse ter uma casa aqui. Mas o bonito é que nós

trabalhamos em conjunto. Reinou muita paz, cordialidade, colaboração, as pessoas se sentiam como verdadeiros irmãos, trabalhando para o mesmo fim.(2013). Na verdade a casa que padre Aleixo junto aos trabalhadores que colaboraram na construção do Mutirão não é o fim desta história, na verdade uma nova caminhada surge a partir daí que é a construção da paróquia da cidade.

Anjos (2012) nos lembra na conclusão do seu artigo que um arquivo é 'como Lugar de Memória – Lugar para a História', seguindo os seus passos conseguimos perceber que o ego documento de Padre Aleixo cumpre as duas funções, a saber, um lugar de memória, as dele e que se estabelecem em conjunto com um lugar para a História pois está conectada de forma umbilicalmente com o Mutirão, com seu criador e engenheiro, com as ideias de sua congregação dos Josefinos Marialdos e principalmente com uma comunidade que seria a futura paróquia do Guará. Afirma o autor 'É a tarefa do historiador realizar este trabalho a partir do Arquivo, não para dizer que a história que escreve é melhor que a memória, mas para reafirmar constantemente que esta nada mais é que um dos inúmeros elementos que compõe e decompõe as experiências históricas e, sobretudo, as vidas dos homens e mulheres sobre os quais procuramos nos achegar, conhecer e compreender a cada vez que transpomos as portas de um Arquivo.

Penso que ao propor a decomposição dos elementos formativos da vida deste padre nesse primeiro momento que antecede a posterior e imediata construção da paróquia e da igreja com símbolo, de civilidade. atingimos o objetivo de perceber alguns desse inúmeros elementos para que possa ser melhor estudado e aprofundado no futuro. Mas foi em Rusen (2014) que encontramos a explicação para o significado do papel desse padre no contexto da fundação da cidade dos trabalhadores e a participação dele como padre, é a cultura. A cultura é segundo o autor dá a resposta aos humanos de suas angústias seja quando lidam com a natureza, e com a sociedade.

Portanto, a pesquisa sobre o Padre Aleixo Sasin e o mutirão do Guará se justifica pela necessidade de documentar e compreender um capítulo significativo da história de Brasília, oferecendo uma perspectiva valiosa sobre os processos de ocupação e organização comunitária nas regiões periféricas da capital. Este resgate histórico é essencial não apenas para o reconhecimento das lutas e conquistas dessas comunidades, mas também para inspirar futuras gerações a valorizar e preservar a memória coletiva pelo reconhecimento de seu processo e de seus personagens. Segundo o Jornal Correio Braziliense de 20 de março de 2021 aos 93 anos deixou amigos, familiares e fiéis. Conhecido em Brasília como idealizador e fundador da Via Sacra do Morro da Capelinha, em Planaltina, a mais tradicional da capital, o sacerdote faleceu na noite de sexta-feira, após complicações decorrentes da doença de Alzheimer, diagnosticadas há dois anos.

Curriculo dos autores:

Venturelli, Luís Gustavo Ferrarini. Damásio, Arnaldo. Padre Aleixo Susin, das obras a obra. Um padre pioneiro na construção do (Mutirão) Guará.

Luís Gustavo Ferrarini Venturelli: Ferrarinigus@yahoo.com.br

Mestrado pela Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, é graduado em História pelo Centro Universitário de Brasília (2000). Foi Coordenador do Ensino Fundamental CEF 301 Recanto das Emas, 2013 e Coordenador do Ensino Fundamental na regional de ensino do Recanto das Emas 2013- 2014 como coordenador intermediário do ensino fundamental e médio, foi também formador do Currículo em Movimento pela mesma regional de ensino. Atuou nas Gerência De Educação Profissional 2016 - 2017, Diretoria do Ensino Médio DIEM (2018- 2019) Diretoria de Programas e projetos DIPROJ (2019- 2020) Gerência de Programas e projetos GEFO (2020- 2021). Colaborou ainda nas plenárias de formação do Currículo em movimento no ano de 2013, participou como colaborador da versão 2020 do mesmo documento ampliado agora tendo em vista a Nova Base Nacional Curricular (BNCC). Participação efetiva em eventos voltados para os modelos de avaliação, modelos de sequências didáticas, e unidades didáticas como propostas pedagógicas. Participação no processo de implementação da proposta de ciclos na educação nos anos finais e neste mesmo ano do movimento na semestralidade no ensino médio e ainda projetos e processo de integração. Todos na educação Pública e na mesma regional do Recanto das Emas. A partir de 2016 exerceu a função de coordenador na Diretoria de Educação Profissional (SUBEB-DIEP). Em 2019 transferiu-se para a Diretoria de Ensino Médio, na Gerência de Programas e Projetos do Ensino Médio. Possui experiência em eventos de grande escala realizados pela Secretaria de Educação como o Circuito de Ciências (2014-2020) atuando na regional supracitada e ainda na organização do evento 2016-2020, Participou da organização da Olimpíadas de Robótica 2018-2020 (OBR), Olimpíada de Matemática 2018-2020 (OBMEP), I Seminário de Educação Patrimonial, Lugares, Memórias, e Identidades, 2017, Programa de Formação de Jovens Lideranças Político do Futuro 2017, programa organizado pelo TRE - DF. Desde o segundo semestre do ano de 2023 cursa a pós graduação de título "O futuro das Cidades" pela PUC-PR, e ainda em 2024 curso no IHG-DF o curso Distrito Federal seu povo sua História. Atualmente é professor no Centro de Ensino Fundamental 04 do Guará. Em 2024 ou coordenador pedagógico na mesma unidade.

Arnaldo Jose Damaso de Oliveira Souza naldodamaso@gmail.com

Possui Graduação em Português –Inglês e Literaturas pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (1989), Pós-graduação em literatura Brasileira moderna pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (1991). Pós-Graduado em Administração Escolar pela Universidade Salgado Oliveira (1999). Atualmente vinculado ao Curso de especialização em aprimoramento do clima escolar e gestão de lideranças da Universidade Federal de São Carlos-SP (UFSCAR). É Coordenador Pedagógico no Centro Ensino Fundamental 04 do Guará em Brasília-DF. É Professor da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal desde 1997. Entusiasta das origens e histórias de Brasília sua terra natal.

Referências

BRASÍLIA RECEBE CARDEAL DE QUEBEC, Correio Braziliense, 06 de março de 1968, p. 03 disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/32392 : acesso em 15/07/2024.

A CRISE NA IGREJA CATÓLICA BRASILEIRA CATÓLICA É UMA DAS RAZÕES DA DIMINUIÇÃO DE FIÉIS. RFI. 2019. disponível em <https://www.rfi.fr/br/brasil/20190331-rfi-convida-flavio-sofiati>. acesso em 17 /07/2024.

10 CONSTROEM PARA 10 UMA CASA POR 500 MIL CRUZEIROS, Correio Braziliense, 11 de dezembro de 1967. p. 19, disponível em http://memoria.bn.br/docreader/028274_01/26059. Acesso em 17/06/20224,

ESQUINAS DE BRASÍLIA, Correio Braziliense, 12 de maio de 1968, p.14 disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/33541 : acesso em 20/10/2021

FERRARINI, Sebastião. **Stemma Ferrarini ‘Da Itália ao Paraná’ 100 anos depois. Genealogia.** Curitiba. Ed. Universitária Champagnat EDUCA, 1989.

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL. Arquivo Público do Distrito Federal disponível em <https://www.arpdf.df.gov.br/sobre-o-arpdf/> acesso em 16/07/2024.

GOVERNO DO DISTRITO Nascidas com Brasília: senhoras e senhores, com vocês... as satélites. Disponível em Agência Brasília, acesso em 17/07/2024

GOVERNO DO RIO GRANDE DO SUL. Cidade- Apresentação. Disponível em: caxias.rs.gov.br/cidade. Acesso em 12 de julho.

ORIDES, Ballardin. **Josefinos de Murialdo no Brasil** / Pe. Orides Balladin, Pe. Bruno - A. Barbieri e Valter A. Susin Caxias do Sul, RS: Educs, 2016.

PRESIDENTE DO CHILE VISITA MUTIRÃO , Diário Oficial do Distrito Federal, 10 de setembro de 1968; disponível em [dishttps://www.dodf.df.gov.br/index/visualizararquivo/?pasta=1968|09_Setembro|DO DF%20143%2010091968|&arquivo=DODF%20143%2010-09-1968.pdf](https://www.dodf.df.gov.br/index/visualizararquivo/?pasta=1968|09_Setembro|DO%20DF%20143%2010091968|&arquivo=DODF%20143%2010-09-1968.pdf) Acesso em 22/07/2024.

REVISTA DO GUARÁ. **Pioneiros.** Aleixo Susin. nº 16. Setembro de 2013.

SUSIN, P.E Aleixo. **Reminiscências. Colliguite fragmenta.** ed. Bindes tip Ltda. São Paulo. 2003.

Bibliografia

ALVIM, Zuleika M.F. **Brava Gente os italianos em São Paulo.** Ed. Braziliense. São Paulo. 1986.

ARRUDA, José Jobson de A. PILETTI, Nelson. **Toda a História, História Geral e História do Brasil. Com atlas histórico em cores.** Ed. Atica. São Paulo. 1997.

CHANIN, Samira Bueno. **Cidade nova, escolas novas? Anísio Teixeira, arquitetura e educação em Brasília.** Samira Bueno Chain; orientador José Tavares Correia de Lira.co orientador Diana Gonçalves Vidal - São Paulo, 2018.

CHARTIER, Roger. **A beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude** IRoger Chartier, trad. Patrícia Chittoni Ramos.- Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002

DELORY-MOMBERGER Christine. **A Pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber singular.** Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica, Salvador, v. 01, n. 01, p. 133-147, jan./abr. 2016 137

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes. O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição.**// Carlo Ginzburg´ tradução Maria Betânia Amoroso, tradução dso poemas José Paulo Paes, revisão técnica Hilário Franco Jr. – São Paulo Ed. Companhia das letras, 2006.

MENDES, Manuel. **Meu testemunho de Brasília.** 3ed. revista e aumentada. Brasília. Thesaurus. 2006.

PINSKY, Carla, Bassanezi (org) - **Novos Temas nas aulas de História** 1ª edição - 2ª reimpressão – São Paulo. ed. Contexto, 2010.

SILVA, Ernesto. **Histórias de Brasília. Um sonho, uma esperança, uma realidade** - 3ªed. —Brasília. Linha Gráfica Editora, 1997.

SILVA, Kalina. **Biografias** em PINSKY, Carla Bassanezi (org) - **Novos Temas nas aulas de História** 1ª edição - 2ª reimpressão – São Paulo.ed. Contexto, 2010.

TUCHINSKI, Juarez José dos Anjos. **“O arquivo como um lugar para a História”** Reflexões a partir da prática de pesquisa em História da educação no oitocentos. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.46, p. 173-189, jun 2012

VASCONCELOS, José Adirson. **Cidades Satélites**. Brasília, Centro Gráfico do Senado, 1988.

VENTURELLI. Luís G.F. **Mutirão; A história e a origem do Guará nas páginas do Correio Braziliense**. Revista de Estética e Semiótica. Revista de Estética e Semiótica, 2023.